



FEPEG

FÓRUM DE ENSINO,
PESQUISA, EXTENSÃO
E GESTÃO

TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DEBATES MINICURSOS E PALESTRAS

23 A 26 SETEMBRO DE 2015
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

ISSN 1806-549X

A HUMANIZAÇÃO NA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

REALIZAÇÃO



APOIO



Perfil Epidemiológico e Vulnerabilidade para DST de Estudantes da Saúde e Educação

*Rafaela Siqueira de Oliveira, Pâmella Janaína de Araújo Silva, Marianne Silva Soares,
Maria de Fátima Fernandes Santos Silva, Ana Paula Ferreira Holzmann*

Introdução

As Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) podem ser causas de varias doenças podendo levar à morte. Essas infecções ocorrem, principalmente, em adultos jovens de países em desenvolvimento, sendo normalmente associadas a fatores de ordem sociocultural. A presença de uma DST pode facilitar a transmissão e a infecção pelo vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). A sexualidade compõe a cadeia biológica da vida do ser humano e está relacionado diretamente com fatores biológicos, físicos, sociais e espirituais. A reprodução é parte da função da sexualidade, porém, esta vai muito além, aumentando o laço afetivo entre os demais. É uma dimensão fundamental das etapas da vida e está presente em todas as fases dela [1].

As Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) são transmitidas de uma pessoa para outra, principalmente pelo contato sexual, pode ser transmitida também por via transplacentária, antes ou durante o parto, ou por transfusão de sangue contaminado. Possuem diversas etiologias, podendo ser causadas por bactérias, vírus ou fungos. A quantidade de DST/AIDS no Brasil é crescente e devido a isso, é considerada como um problema de saúde pública [2].

Para fazer o planejamento de ações públicas de saúde, é necessário compreender as características sociodemográficas da população, pois esta tem um importante papel na resolução de problemas, tratamento e acompanhamento [3].

A escola tem papel fundamental em auxiliar na detecção de práticas que deixam o adolescente susceptível a DST e participa na elaboração das ações educativas que buscam a promoção da saúde [4]. O enfermeiro, devido a suas atribuições, se elege como um profissional voltado para ações de prevenção, proteção e recuperação da saúde, principalmente, com a alfabetização em saúde, e na saúde sexual e reprodutiva, a enfermagem busca à detecção precoce de problemas de saúde e a discussão sobre as questões voltadas para a sexualidade [3].

Este estudo busca descrever sobre as variáveis sociodemográficas (ex: idade, sexo, estado civil) e comportamentais como a baixa percepção de risco dos acadêmicos, o início da atividade sexual, o número de parceiros e o uso da camisinha.

Material e métodos

Foi realizado um estudo quantitativo, de corte transversal, também chamado de inquérito epidemiológico, o qual permite visualizar a situação de uma população em determinado momento. Pesquisa de aspecto exploratório, em que interessa descrever e categorizar fenômenos em um grupo de pessoas.

A população de estudo foi composta pelos estudantes ingressantes e concluintes dos cursos de Enfermagem, Odontologia, Pedagogia e Letras Português da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) no primeiro semestre de 2014. Esses sujeitos foram escolhidos por serem pertencentes à área da saúde e educação, dois grupos que deveriam possuir conhecimentos sobre o assunto e possuir hábitos de vida saudável, estando aptos a expandir informações inerentes à sexualidade humana. Também foi considerado o fato de que estes cursos pertencem à mesma Universidade e se localizam no mesmo campus.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário semiestruturado composto de 21 questões que foi aplicado em sala de aula, com autorização prévia do professor. Foram incluídos na amostra os estudantes que estavam presentes e que aceitaram participar da pesquisa mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Os dados coletados foram digitados e organizados em planilha do programa excel e transferidos para o programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) onde foram analisados de forma descritiva.

Este trabalho apresenta resultados parciais de um projeto de iniciação científica, desenvolvido por acadêmicas e professora da Unimontes. Atende às diretrizes e normas determinadas pela resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta a realização de pesquisas envolvendo seres humanos e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unimontes nº 533.637.



Resultados

Participaram da pesquisa 159 acadêmicos, sendo 80 deles da área da educação (50,3%) e 79, da área da saúde (49,7%). 54,6% se encontravam no primeiro período dos cursos e 45,6%, no último período. A maioria dos estudantes era do sexo feminino (86,9%), solteira (81,9%), e encontrava-se nas faixas etárias de 17 a 20 anos (30%) e de 21 a 24 anos (33,8%). Quanto a religião dos universitários constatando que 107 eram católicos, 42 evangélicos, 2 eram ateus e espíritas, havia 1 pessoa budista e outra testemunho de jeová, e os demais eram de outra religião. Dentre os acadêmicos estudados, 91 deles eram naturais de Montes Claros, Minas Gerais, outros 30 procedentes de 15 cidades do Estado de Minas Gerais, enquanto 6 eram provenientes de cidades de fora do Estado de Minas Gerais, além desses, 32 universitários não informaram sua procedência.

A opção sexual foi um dos questionamentos e 95,5% responderam ser heterossexuais, enquanto 3,2% diziam-se homossexuais e 0,6% bissexual. Já quanto ao início da atividade sexual, a maioria dos acadêmicos deu início a atividade sexual por volta dos 16 aos 18 anos com 32, 9% dos entrevistados; enquanto que com 19 aos 21 anos foi 13, 9%; um total de 8,2 % ocorreu com 15 anos ou menos e na etária de 22 a 25 anos; já com aqueles com início da atividade sexual com 25 anos ou mais ocorreu somente com 1,3%; embora 34, 8 % dos entrevistados afirmaram ainda não ter iniciado a atividade sexual.

O uso da camisinha em todas as relações sexuais naquelas pessoas que já iniciaram a atividade sexual foi de 44% dos entrevistados, enquanto que os 46% restantes utilizaram de forma irregular usando às vezes, ou quase sempre o preservativo. De acordo com as respostas o não uso do preservativo está relacionado com a confiança no parceiro (21%), porque não gosta (15,6%), porque não dá tempo de colocar o preservativo (8,6%), porque o parceiro não aceita (6,7%), porque querem engravidar (6,7%), porque estavam sob algum efeito de drogas (3,8%) ou por acharem que não vai contrair DST (1,9%). De acordo com os achados neste estudo, 17,1% não possuíam parceiros fixos nos últimos 6 meses e 63,3 % não tinham parceiros eventuais; 75,2% possuíam um único parceiro fixo e 4,8% tinham dois parceiros fixos. Aqueles que informaram ter um parceiro eventual foram 30% dos entrevistados, porém 1,9% deles informaram ter 2 parceiros eventuais, 3 ou mais parceiros eventuais nos últimos 6 meses. Apesar disso, 69,8% não se percebem em risco para contrair uma DST; 17,6% acham que possuem baixo risco; 6,9% acham que possuem médio risco e somente 4,4% se percebem em alto risco para contrair DST.

Discussão

A docência tem grande influência na prevenção de DST/AIDS, pois a escola e a família formam junto um componente de barreira de proteção às DST utilizando a alfabetização para conhecimento levando ao empoderamento e a uma prática sexual segura, entretanto, ainda há despreparo sobre o assunto [4]. E por sua vez a área da saúde tem como objetivo promover, prevenir, diagnosticar, fazer o tratamento e o acompanhamento de DST [5].

Já a cultura e os valores religiosos possuem muitos conflitos com políticas públicas de prevenção a DST e AIDS, uma vez que dependendo da religião há valorização do matrimônio, recusa ao uso de mecanismos que interfiram na vida reprodutiva ou sexual, e a repreensão em relação à homossexualidade [6].

O tipo de comportamento sexual pode ser um fator coadjuvante na transmissão de doenças venéreas, e por ser um marco normal do desenvolvimento do jovem, quando inicia sua atividade sexual, pode estar vulnerável às DST e à AIDS [7]. Estudos observam uma maior incidência de DST entre os adolescentes e os jovens [8]. Além disso, em outro estudo ressalta a questão do gênero que está atrelado ao contexto da vulnerabilidade deste público, uma vez que nesta fase ligada à sexualidade, é observado aumento de casos da AIDS e na sociedade atual, a educação das meninas é diferente dos meninos na questão sexual, direcionando mais liberdade para os meninos e privando as meninas de desfrutar sua sexualidade igualmente [9]. Embora, as mulheres estão mais expostas, devido a vários elementos que as tornam susceptíveis para contrair DST/AIDS, sendo estes elementos biológicos, psicológicos, sociais e espirituais [2].

Os fatores de risco para o acometimento de DST destacados pela literatura são a baixa idade nas primeiras relações sexuais, variabilidade de parceiros, o não uso do preservativo e uso de drogas ilícitas, desigualdade de gênero e a baixa renda [6]. Apesar da identificação de diversos fatores de risco neste estudo, como início da atividade sexual precoce, múltiplos parceiros, e principalmente a irregularidade do uso do preservativo, observou-se a baixa percepção de risco dos estudantes sobre a sexualidade, o que os expõem constantemente às DST.

Portanto, as doenças sexualmente Transmissíveis são um grande desafio para a saúde e a educação por isso é necessário que haja parceria com instituições públicas e eventos que permitam maior divulgação do conhecimento sobre o tema. A orientação para a população na prevenção de DST é de primordial relevância para a diminuição dessas doenças [10].



Considerações finais

Os fatores de vulnerabilidade relacionados à atividade sexual são diversos, entre eles, o não uso da camisinha é um dos principais. Dessa forma, considerando a alta susceptibilidade dos jovens e o espaço acadêmico como local onde se concentra um elevado percentual desse público juvenil, a realização de pesquisas e intervenções voltadas para essa população é de extrema importância. Instruir quanto à segurança nas relações sexuais, assim como incentivá-los a autoproteção no uso regular do preservativo, é uma das funções que dos cursos da área da saúde e educação no exercício da profissão, além disso, minimiza a disseminação de DST/AIDS.

Referências

- [1] BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde sexual e saúde reprodutiva** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 1. ed., 1. reimpr. – Brasília : Ministério da Saúde, 2013.300p.
- [2] FREITAS, R. F.; FREITAS, T. F.; TAKAKI, E.F. de M. Doenças sexualmente transmissíveis: transmissão, diagnóstico e tratamento conhecidos por acadêmicos de farmácia de uma Instituição de Ensino Superior no norte de Minas Gerais. **Conexão ci.** v.7, n.2. 2012.
- [3] SANTOS, Lincoln Vitor; INAGAKI, Ana Dorcas de Melo; ABUD, Ana Cristina Freire; OLIVEIRA, Julian Katrin Albuquerque de; RIBEIRO, Caíque Jordan Nunes; OLIVEIRA, Maria Ilda Alves de. Características sociodemográficas e risco para doenças sexualmente transmissíveis entre mulheres atendidas na atenção básica. **Rev enferm UERJ.** V. 22, n.1. 2014.
- [4] VEIGA, Sandra Maria Oliveira Morais; BRONZATTO, Maria Clara Ribeiro; FREGNAN, Antônio Maciell; SUSUKI, Isabella; DORNELAS, Maíza de Matos; LIMA, Maria Flavia B. de; CUSINATO, Marina; ALVES, Ramon. DST/AIDS: Informação e Educação. **Extensão e Sociedade.** v.5, n.3. 2011.
- [5] LIMA, Fabiane da Silva Severin; ARRUDA, Lidyane Parente; MELO, Caroline Batista; LEITE, Francisca Marília Coutinho; ANDRADE, Julyane Cerqueira Campos; DIOGO, Jihane de Lima; FREITAS, Consuelo Helena Aires de. PROCESSO DE TRABALHO NA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA: CARACTERIZAÇÃO DA PRÁTICA DA ENFERMAGEM. **Suplemento Revista Interface.** supl. 3. 2014
- [6] SEFFNER, Fernando; MÚSCARI, Marcello. Presença Religiosa Nas Políticas Públicas de Enfrentamento à Aids No Brasil: Um Estudo De Caso. **Estudos Teológicos São Leopoldo.** v. 52, n. 2 p. 374-388. 2012.
- [7] BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Recomendações para a Atenção Integral a Adolescentes e Jovens Vivendo com HIV/AIDS.** Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Brasília: Ministério da Saúde, 2013a. 116 p.
- [8] BESERRA, Eveline Pinheiro; TORRES, Cibele Almeida; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. Dialogando com Professores na Escola sobre Sexualidade e Doenças Sexualmente Transmissíveis. **Rev. Rene. Fortaleza.** v.9, n.9. 2008.
- [9] BESERRA, Eveline Pinheiro; TORRES, Cibele Almeida; PINHEIRO, Patrícia Neyva Costa; ALVES, Maria Dalva Santos. Pedagogia Freireana como método de prevenção de doenças. **Ciênc. saúde coletiva,** Rio de Janeiro, v. 16, supl. 1, 2011. Acesso em: 12 abril de 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000700092&lng=en&nrm=iso>.
- [10] ALTMANN, Helena. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. **Revista Latino Americana.** n.13., p. 69-82. 2013.